

## **Entre Vivos, Mutilados e Mortos: Reflexões sobre Saúde e Segurança no Trabalho a partir do Documentário “Carne e Osso”**

**Autoria:** Luciano Mendes, Heliani Berlato dos Santos

**Resumo:** O objetivo neste artigo é o de realizar reflexões sobre o processo de trabalho e os acidentes ocorridos nos frigoríficos e que estão evidenciados no documentário “Carne e Osso”. Nesta linha, houve a necessidade de discutir uma concepção teórica alternativa às teorias sobre saúde e segurança no trabalho. Essa discussão alternativa centra-se sobre as concepções de vida e morte na sociedade moderna. A pesquisa foi realizada no documentário “Carne e Osso”. Os resultados mostram que em prol do aumento de produção, das vendas no mercado exterior e dos controles de qualidade, é permitido o dano à saúde, a mutilação e o descarte.

**Palavras-chave:** biopolítica, biopoder, documentário, saúde e segurança no trabalho

### **Introdução**

O tema saúde e segurança no trabalho deixou de ser, há muito tempo, do interesse dos estudiosos organizacionais. No contexto, foram surgindo outras temáticas como, por exemplo, sofrimento psíquico, *burnout*, assédio moral, violência simbólica, entre outras, que passaram a tangenciar os problemas relacionados ao corpo físico.

As explicações para esses desinteresses podem ser diversas, mas não justificam o fato de que, mesmo com a existência de um sistema legal e várias normatizações, o número de acidentes de trabalho no Brasil cresce a cada ano. A partir de dados do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), por exemplo, o número de acidentes de trabalho no Estado de São Paulo cresceu 84,9% desde 2001, enquanto no Estado do Rio de Janeiro, as mortes causadas por acidentes tiveram um aumento de 29,6% no mesmo período (AEAT, 2011).

Esses números podem ser extrapolados, devido ao fato de que são obtidos de fontes formais, que desconsideram aqueles acidentes que não são comunicados ou são comunicados com fontes distintas do ambiente de trabalho. Ainda, como forma de as empresas saírem das estatísticas de acidentes de trabalho, muitas comunicam acidentes como doenças do trabalho, que tem origem no Nexo Técnico Epidemiológico. O Anuário Brasileiro de Proteção (ABP), por exemplo, desde 2007 tem avaliado também as doenças do trabalho que não possuem o Comunicado de Acidente de Trabalho (CAT). Isso causou uma explosão no número de acidentes de trabalho que, em 2012, somente essas doenças sem CAT, introduziram nas estatísticas do ABP mais 180.000 casos (ABP, 2013).

Esses dados mostram a gravidade da situação, expressa no título deste artigo, e coloca em evidência a necessidade de reflexões, dado as ambiguidades no sistema. De um lado, um complexo de leis e normas que visa eliminar, dirimir ou prever os acidentes de trabalho e, de outro lado, todo um levantamento estatístico que apresenta o crescimento no número de acidentes graves e doenças relacionadas ao trabalho.

Destas considerações alguns questionamentos são possíveis: o que subjaz essa lógica de marginalização dos acidentes de trabalho? O que faz com que existam contradições entre o sistema legal e de normatização e o número de acidentes de trabalho? Esses questionamentos são de cunho teórico e prático, podendo ser respondidos através de um embasamento teórico, mas também com o desenvolvimento de pesquisas relacionadas. Nesta linha, além da necessidade de discutir uma concepção teórica alternativa à discussão sobre saúde e segurança no trabalho, ainda a realização da pesquisa proposta neste artigo foi realizada em um documentário. Esse tipo de pesquisa audiovisual tem tido aceitação no contexto dos estudos organizacionais, com possibilidades múltiplas de contribuir com a área (LEITE e LEITE,

2007; PAIVA JÚNIOR, ALMEIDA e GUERRA, 2008; MARCO, ANDRADE e ESPIRITO SANTO, 2008).

Com isso, o objetivo neste artigo é o de realizar reflexões sobre o processo de trabalho e os acidentes ocorridos nos frigoríficos e que estão evidenciados no documentário “Carne e Osso”. A saúde e a segurança no trabalho, de acordo com Assunção (2003), estão associadas às condições de trabalho e ao exercício da função. A organização do trabalho, as formas de gestão e o ambiente de trabalho, exercem influências direta no desencadeamento de doenças, acidentes e mortes no contexto de trabalho. Para além dessas discussões que acabam ficando restritas aos aspectos legais, as discussões de Michel Foucault sobre a vida e sobre as formas de governo (biopolítica) serão centrais no contexto deste artigo (FOUCAULT, 2006). Esse pensador das ideias realizou digressões importantes sobre esses dois temas (vida e formas de governo) e que possibilitam reflexões diversas sobre questões relacionadas à saúde e segurança no trabalho.

Para Zamora (2008, p. 105), a vida é “o inaudito, imprevisível, cruel, incontrolável, a festa dionisíaca, a pulsação, o devir, o desejo, o movimento, os corpos, as almas, os cheiros. Mas também vida capturada, fabricada, modelizada, serializada, controlada, previsível, individualizada, identitária”. A introdução do “mas” no conceito de Zamora (2008) expressa o excêntrico da vida na modernidade, ou seja, vida que se produz, que se gerencia e que se entrincheira. A vida, modernamente, salienta Foucault (2008), foi politizada. E nesta politização da vida é permitido deixar morrer, mutilar, descartar, segregar, mas também fazer viver, utilizar, explorar, aumentar a vida útil, entre tantas outras possibilidades. É nesta circunstância que este artigo se efetiva, inicialmente, através de discussões teóricas que delineiam e possibilitam relações entre vida e formas de governo e de gestão. Posteriormente, discussões sobre os métodos de pesquisa utilizados, as reflexões sobre saúde e segurança no trabalho evidentes no documentário “Carne e Osso” e, por fim, algumas considerações finais.

### **Biopolítica e biopoder nas relação sobre vida, mutilações e morte nas organizações**

O trabalho de Sievers (1997) gera uma reflexão interessante sobre as discussões de vida e morte nas organizações. Esse autor salienta que estes temas sempre estiveram distantes das discussões sobre as organizações, no sentido de que essas organizações são vistas sempre como imortais (ultrapassam gerações) e de que a vida está diabolizada (do grego *diaballein*: separar, dividir, fragmentar) das relações organizações. A vida, em sua manifestação cotidiana, está além das fronteiras organizacionais, o que “neutraliza” essas organizações de influências negativas sobre essa vida, de geradoras em potencial da morte. Sievers (1997) salienta que as teorias administrativas e organizacionais sempre enfatizam que a vida está além das organizações, em suas vidas diárias fora das organizações, e que por isso a morte também não é um evento neste processo e por isso é amplamente desconsiderada em suas fundamentações teóricas. Mas em que momentos reconhecemos, em partes, esse potencial da organização em gerar a morte? E Sievers (1997) salienta que é exatamente nos eventos trágicos, como Chernobyl, que atinge milhares de pessoas. Nos eventos seriados ou diabolizados essa dimensão que relaciona morte e organizações é quase sempre descartada, pois a morte passou a ser, na sociedade moderna, um tabu, a qual se esconde, se higieniza e pouco se fala.

Essa marginalização do morte e da doença no contexto das organizações tem uma sintonia muito peculiar com o que Artaud (2006) coloca, ao salientar que as evidências de epidemias, de falta de controle das doenças, entre outros, coloca a ordem social em crise. Se a ideia de organizações privilegia essa ordem social, então qualquer vestígio de doença e qualquer

relação com a produção da morte devem ser descartadas e marginalizadas. Há, na verdade, aquilo que Sievers (1997) chamou de diabolização, no sentido de mostrar que as organizações estão cindidas de vários elementos, como a morte e a doença, mas que na verdade elas estão em simbolização (do grego *symbollein*: relacionar, juntar, unir) com esses elementos e são geradoras e produtoras de muitos deles. Essa dimensão diabolizada torna os agentes organizacionais meros burocratas que, como salientou Arendt (1999), são pessoas difíceis de odiar – ao relatar o caso do julgamento de Eichmann em Jerusalém – porque não era um assassino sanguinário e sem arrependimento, mas um “homem comum”, de meia idade, um burocrata ordinário, como muitos outros, que apenas cumpria ordens e gostava do trabalho bem feito. Ao marginalizar muitos dos aspectos negativos produzidos e gerados pelas organizações, produzimos e geramos uma série de “burocratas ordinários”, assim como causamos problemas irreparáveis na vida em sociedade (doenças, mortes e mutilações). Vida esta que está sujeita ao imediatismo e ao utilitarismo. Vida esta que, em última instância, foi “capturada” pelas relações de poder.

A crítica gerada por Foucault (2006) é de que houve a politização da última instância humana que é a vida. Para além das manifestações biológicas, considera Foucault (2006), a vida passou a integrar as discussões e ações políticas na sociedade moderna, o que produziu uma série de atos destinados ao controle da vida. Mas não um controle de cuidado, e sim um controle de uso, de produção, de descarte e de morte. Foucault (1993) salienta que antes da modernidade o poder dos principados eram geridos a partir da morte, pois o príncipe tinha o direito de matar seus súditos (em caso de blasfêmias ou de agressões). Isso gerava, nas palavras de Foucault (1993), a máxima do direito do príncipe em “fazer morrer e deixar viver”. Na modernidade esse direito se altera. Com a queda dos principados, houve a necessidade de uma nova organização e gestão da coisa pública (*res-pública*). Foucault (2008) verifica o surgimento de correntes teóricas que pregam a necessidade de melhoria na qualidade de vida, na limpeza urbana, no saneamento básico, na saúde pública, etc. Essas correntes teóricas preconizam, para o bom funcionamento da sociedade, intervenções no sentido de aumentar a vida útil da população, ocorrendo a inversão do direito do príncipe, pois modernamente o dever será o de “fazer viver e deixar morrer”.

A inversão discutida por Foucault (1993) não seria problema se todas essas ações modernas não fossem também ações racistas. Foucault (2000) utiliza este termo “racismo” de forma muito ampla, no sentido de segregação ou exclusão de uma parcela da população. Isso porque no desenvolvimento do sistema capitalista a vida passou a ser crucial para o bom funcionamento do sistema, pois a saúde da população significa maior produção, corpos disciplinados e operantes, pujança no processo de produção. Mas essa saúde deve ser endereçada a parcela da população economicamente ativa, daí o racismo discutido por Foucault (2008). Para tanto, todos os problemas relacionados à saúde humana desta parcela da população ativa deverão ser eliminados, controlados, atendidos, gerenciados, etc. Principalmente porque a doença é um dos principais problemas de funcionamento do sistema capitalista. Foucault (2008) expõe que os problemas relacionados à saúde geram custos econômicos para o Estado e para as empresas, pois limitam o exercício do trabalho, causam problemas na produção, absorvem recursos financeiros do Estado, etc.

Mas também não é toda população ativa que deve ser objeto de intensos investimentos em saúde. Novamente as discussões sobre o racismo são evidenciadas, no sentido de que, economicamente falando, somente as populações mais abastadas é que devem ser alvo do “fazer viver”. O “deixar morrer” está diretamente endereçado a uma parcela da população que não possui nem os diferenciais econômicos e nem atividades importantes no contexto da economia. Foucault (2008) realiza uma análise sobre a teoria do capital humano para mostrar como as ineficiências do sistema capitalista foram paulatinamente sendo transferidas à população, onde adjetivos como a “incompetência” são comumente utilizados para exprimir a

marginalização no sistema. Essa teoria do capital humano, salienta Foucault (2006), reforça a necessidade do sistema capitalista em centrar esforços sobre uma parcela da população que possui os conhecimentos, habilidades e atitudes, e é capaz de potencializar o funcionamento deste sistema.

Dito isso, os elementos integrantes à saúde humana terão efetividade para esse grupo seletivo da população, para esse grupo onde a pujança do sistema é mais evidente, para esse grupo em que é necessário “fazer viver”. Por outro lado, as iniciativas em saúde destinadas aos outros grupos desta mesma população, serão menos intensas, mais marginalizadas, mais despreocupadas, o que evidencia o “deixar morrer”. É essa politização da vida que Foucault (2008) denuncia. É esse ato perverso que está subjacente aos discursos (atos de fala e prática sociais) na modernidade. É essa biopolítica e esse biopoder que engendram as ações no contexto desta sociedade.

Com salienta Agamben (2002), na biopolítica moderna a decisão central sobre vida não está no soberano em decidir qual vida possa ser morta sem que se cometa suicídio, mas sim no soberano em decidir sobre o valor e desvalor da vida como tal. A vida, salienta Agamben (2002), é dada como vida nua na modernidade, pois comporta além de um esvaziamento da vida, um poder externo sobre o corpo. É esse esvaziamento da vida, essa vida valorada ou não e esse poder sobre os corpos que produz, modernamente, a contradição do sistema. Por um lado existe a instituição de código geral de proteção da vida no ambiente de trabalho, sintetizado na forma das Normas Regulamentadoras e, por outro lado, uma série de ações perniciosas que marginalizam essas Normas nas práticas cotidianas de trabalho. A vida, ao se tornar mais um elemento dos aspectos políticos, transcendeu as conotações jurídicas, pois passou a ser vida produzida, gerenciada, fabricada, explorada, descartada. Enfim, os meandros dessa discussão serão explorados nos próprios sub-tópicos.

### **Percurso metodológico**

A utilização dos elementos audiovisuais na pesquisa não é recente e já se constitui um ramo de estudos que possui variações metodológicas e epistemológicas (CÁNEPA, 2011). Muitos desses elementos audiovisuais estão manifestos na forma de filmes e documentários. Como salienta Turner (1997), o cinema, a televisão e a publicidade são meios de representações que dão às imagens sua significação cultural. Esse mesmo autor comenta que a cultura é um processo que constrói modos de vida de uma sociedade, onde todo esse sistema produz significados, sentidos e consciência. Turner (1997) considera que esses elementos audiovisuais, dado o seu potencial de representação, constituem objetos de pesquisa e análise “textual”.

As considerações de Turner (1997) estão próximas à perspectiva do estruturalismo francês, pois o estruturalismo analisa a estrutura interna de uma obra com o intuito de produzir significado. A base do estruturalismo francês é a linguística de Saussure, particularmente as relações entre significante e significado. Essas relações foram criticadas por pós-estruturalistas como Derrida (1967), que institui o conceito de *différence* para mostrar que há infinitos significados, e Foucault (1995), que identifica na relação poder/saber as possibilidades sempre abertas de gerar novos e outros significados.

As críticas geradas pelos pós-estruturalistas mostram que as textualidades (linguagem) possuem sempre significados, onde as obras se tornam monumentos que estão sempre abertos à interpretações. Foucault (1999) realiza essa interpretação quando analisa o quadro “Las meninas” de Velázquez, identificando elementos discursivos (não-ditos) na imagem pintada. Os discursos, na visão de Foucault (1999), congregam os ditos e os não-ditos (ou jamais-ditos). Assim, Foucault (2007) expõe que os discursos não são conjuntos de signos, mas práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Essas práticas podem criar

lugares-comuns, mas também conduzir à denúncias que evidenciam os não-ditos nos discursos.

Essa discussão considera que as artes são manifestações culturais, que permitem representações diversas das sociedades. Tendo em vista estes aspectos, Metz (1971) acredita que os filmes são textos abertos à interpretação. Segundo este autor, a grande sintagmática é melhor utilizada nos filmes narrativos, pois o intuito é tornar até os aspectos imagéticos textos interpretáveis (unidades dramáticas/sintagmas). Deleuze (1985) critica essa postura pois elimina questões relacionadas ao tempo e à imagem-movimento. O fato é que a maneira como o filme é analisado depende das intenções expressas no processo de análise, onde em alguns casos os aspectos textuais são mais importantes (como neste artigo) e em outros casos as ideias de imagem-movimento são centrais. Mertz (1968) salienta que os filmes possuem três tipos de códigos: os perceptivos (capacidade de reconhecer objetos), os culturais (reconhecimento dos elementos culturais) e os específicos (que decorrem dos elementos audiovisuais contidos no filme). Apesar de os filmes e os documentários serem manifestações artísticas e audiovisuais, existem diferenças importantes.

Gauthier (2011) explora a diferença entre ficção (invenção) e documentário (realidade). Esse autor expõe que documentário é uma abordagem do “real”, que se organiza a partir de um projeto em que sua filmagem, sua montagem e seu dispositivo espectral são passíveis de legitimação. Nesta linha, existem propósitos envolvidos na produção de um documentário. Esses propósitos, salienta Gauthier (2011), vão desde investimentos propagandísticos das políticas imperialistas até funções sociais de retratar e militar por causas sociais. Neste último caso, o documentário passa a ser um arma à serviço do povo. Dito isso, o estudo proposto neste artigo será realizado a partir do documentário Carne e Osso, que possui uma função social importante.

O documentário Carne e Osso, produzido e dirigido por Caio Cavechini e Carlos Juliano Barros, mostra o duro cotidiano do trabalho nos frigoríficos brasileiros de abate de aves, bovinos e suínos. O documentário foi produzido nas regiões sul e centro-oeste do país, que concentram a grande maioria dos frigoríficos. No ano de 2010 o Brasil alcançou a liderança mundial em exportação de carne bovina. Toda essa pujança gerou um impacto negativo, socialmente falando, na rotina de trabalho nesses frigoríficos. Esse impacto negativo fica evidente no contexto do documentário. Esse documentário, produzido em 2010-2011, recebeu vários prêmios: Menção honrosa (EU – OSHA) “DOK Leipzig” – 2011 – Alemanha; Melhor documentário (Júri Popular do DocFAM) “Florianópolis Audiovisual Mercosul” – 2011 – Brasil; Seleção Oficial “É tudo verdade” – 2011 – Brasil; Seleção Oficial “FIDOCs” – 2011 – Chile; Seleção Oficial “Festival de Gramado” – 2011 – Brasil.

Feito essas considerações, as análises deste documentário serão realizadas a partir de duas perspectivas que são complementares: “análise textual” e “análise do discurso”. Ambas as análises são produzidas no contexto francês. A primeira análise (análise textual), segundo Mertz (1968), deve ser realizada a partir da divisão do filme em unidades dramáticas, que congregam sons e imagens. O documentário Carne e Osso possui uma parte introdutória, com pequenos relatos das pessoas entrevistadas e com imagens diversas do trabalho nos frigoríficos, que permite reconhecimentos e compreensões importantes sobre o contexto do documentário.

Em um segundo momento será utilizada a análise de discurso na perspectiva foucaultiana, dado o fato de que as discussões existentes no referencial teórico possuem sintonia com a perspectiva deste filósofo e historiador das ideias. A análise de discurso utilizada neste artigo está relacionada, além da ideia do dito e do não-dito, ao discurso visto como uma série de acontecimentos. Foucault (2007) salienta que é importante encontrar a matéria que convém analisar e que constitui o próprio fato do discurso, que se dá nas possibilidades dos enunciados (conjunto dos discursos efetivamente pronunciados). São esses enunciados que

revelam o dito e o jamais-dito, que revelam os acontecimentos naquilo que é permitido ou não. Tendo o documentário Carne e Osso uma função social, por si só, ele já cumpre o papel de revelação do não-dito, da denúncia, da exposição daquelas situações que, sequer, muitas pessoas não imaginam. É neste ponto que o referencial teórico construído permitirá constatações importantes (sobre a biopolítica e os problemas de saúde e segurança no trabalho) a partir das revelações, dos enunciados, das imagens, etc., contidos no documentário. Esses aspectos serão abordados no próximo tópico.

### **Reflexões sobre saúde e segurança no trabalho a partir do documentário Carne e Osso**

**Documentário:** Carne e Osso

**Duração:** 65 minutos


**Direção:** Caio Cavechini e Carlos Juliano Barros






**Realização:** Reporter Brasil






**Ano:** 2011

O intuito do documentário é mostrar os problemas relacionados à saúde e segurança no trabalho em frigoríficos, dado à exposição constante com as facas, as serras e outros instrumentos cortantes, assim como as pressões psicológicas para a produção, os movimentos repetitivos, as jornadas de trabalho exaustivas, o ambiente “muito frio”, entre outros aspectos. Com fica evidente no sítio do repórter Brasil, “o filme alia imagens impactantes a depoimentos que caracterizam uma triste realidade que deve ser encarada com a devida seriedade pela iniciativa privada, pela sociedade civil e pelo poder público” (REPORTER BRASIL, 2011).



Dito isso, o documentário em estudo possui uma lógica de desenvolvimento muito peculiar. Nos primeiros 5 minutos há uma introdução sobre os elementos centrais do documentário, onde tornam-se evidentes, em relação ao trabalho nos frigoríficos, por exemplo, o ritmo frenético de trabalho, os problemas com a justiça e os danos físicos e psicológicos gerados a partir da execução das tarefas. Nesta parte introdutória, dado o fato de que há uma contextualização sobre as discussões mais importantes e as principais imagens emitidas no documentário, houve a necessidade de conduzir a “análise textual”. Assim, a Figura 1 apresenta o que Mertz (1968) chama de unidades dramáticas, onde há a divisão em tempos, textos verbais e textos imagéticos. A utilização da imagem-quadro deve-se ao fato de que, como o intuito no documentário é mostrar a questão da repetição do trabalho, a câmera fica com a imagem fixa durante alguns minutos sobre o mesmo processo de produção, que pode ser um funcionário desossando uma coxa ou um grupo de funcionários executando a mesma função em torno de uma esteira de produção.

TEMPO	TEXTO VERBAL TRANSCRIÇÕES DAS FALAS	IMAGEM-QUADRO
<b>Parte introdutória do documentário</b>		
0:00-1:00	/.../ (jingle)	

<p>1:00-1:19</p>	<p>((a altura do jingle é reduzido e aparece a voz de uma mulher dizendo)) Int. 1 – imagina oito horas em uma mesa fazendo só aquele movimento ali, mexendo com os braços /.../</p>	
<p>1:20-1:36</p>	<p>((logo em seguida um trecho de um homem falando)) Int. 2 – Eu chegava todo dia e pegava a fala e ia desossar. Era praticamente o mesmo serviço o dia inteiro. De manhã até o final da tarde /.../</p>	
<p>1:37-1:50</p>	<p>((novamente uma mulher dizendo)) Int. 3 – É que tinha que tirar a cartilagem, tirar os ossos do peito. Às vezes tinha que abrir ele no meio, quando era para exportação era o peito inteiro /.../</p>	
<p>1:51-2:04</p>	<p>((outro relato de uma mulher falando)) Int. 4 – A gente tinha que manter a esteira cheira, bem preparadinha, bem bonitinha, para que saia do forno e vá para a embalagem. /.../</p>	
<p>2:05-2:18</p>	<p>((outra mulher relatando que)) Int. 5 – Era umas meses com números. Cada um tinha o seu número.</p>	

<p>2:19-2:26</p>	<p>((logo em seguida um homem dizendo)) Int. 6 – Cortar frango, tirar coxa, tirar asa, tirar a carcaça.</p>	
<p>2:27:2:58</p>	<p>((logo em seguida um trecho com uma mulher dizendo)) Int. 7 – Examinando carcaça tinha que fazer em torno de 3.700 por hora, sozinha. Então tinha que ser um corte preciso. Tinha que tirar bem a carne do osso, não pode ficar carne no osso. Tem que tirar a cartilagem, não pode ficar cartilagem. Tem que cuidar para não rasgar a pele.</p>	
<p>2:59-3:13</p>	<p>((outra mulher dizendo)) Int. 8 – Era por segundo. Era muito frango! Era muita carne. Não sei como te explicar. Tinha que encher 375.000 buraquinhos daqueles com as carnes.</p>	
<p>3:14-3:25</p>	<p>((um relato de um homem dizendo)) Int. 9 – Era uma cobrança por produção, produção, produção. Faz a conta. Tem dias em que eles fazem até 6 toneladas de peito recheado e eles cobrando.</p>	
<p>3:26-3:48</p>	<p>((outro relato de uma mulher falando)) Int. 10 – Se tu te desviasse, se tu prestasse atenção em outra coisa, tu não conseguia mais vencer o serviço depois. Era muito apurado e você não conseguia vencer. Tinha que abaixar a cabeça e dar conta do recado.</p>	



<p>3:49-4:05</p>	<p>((outra mulher relatando)) Int. 11 – Olha, se sentasse uma mosca no rosto da gente não dava para fazer assim com a mão. Você tem que cumprir o que eles colocarem na esteira e eu acredito que era uns 6 segundos para desossar uma peça.</p>	
<p>4:06-4:23</p>	<p>((mais um relato de um homem)) Int. 12 – Porque o ritmo é muito acelerado. Tem épocas que não, mas aí tem épocas em que eles firmam contratos de exportação de tantas toneladas e eles tem que fazer! Aumenta o ritmo da esteira e tem que andar!</p>	





**Figura 1** – Descrição dos textos verbais e apresentação das imagem-quadro na parte introdutória do documentário “Carne e Osso”.


Fonte: Elaborado a partir da análise do documentário

Essa parte introdutória revela o clímax do documentário “Carne e Osso”, num sucesso de imagens de câmeras paradas e fala dos entrevistados, que congregam funcionários e ex-funcionários de frigoríficos da região sul e centro-oeste. Os trechos salientam em sequencia: a questão dos movimentos repetitivos durante a jornada de trabalho, a forma cotidiana de trabalho, a quantidade de produtos que transitavam nas esteiras de trabalho (por hora ou minuto), a pressão psicológica para a produção acelerada e o nível de atenção exigido devido ao ritmo de trabalho.

Muitos problemas relacionados à realização do trabalho nos frigoríficos estão centrados no fator: ritmo de trabalho. Como é apresentado no documentário, o aumento nas exportações e a ampliação do mercado consumidor, passou a exigir mais dos funcionários em termos de produtividade. Mesmo essa pressão maior existindo nos últimos anos, a situação nos frigoríficos, como mostra o documentário, não é muito diferente do que ocorreu há 10 ou 15 anos, pois a maioria dos relatos é de funcionários que estão aposentados por invalidez ou que possuem qualquer tipo de problemas relacionados aos acidentes de trabalho e aos movimentos repetitivos.

Mesmo assim, é interessante evidenciar também, ainda no contexto de uma análise textual, a segunda parte do documentário que trata do ritmo e, conseqüente, necessidade de especialização do trabalho. Ainda, nesta segunda parte entram os depoimentos de um auditor fiscal e de um procurador do trabalho. As imagens contidas nesta Figura 2 evidenciam os momentos de ginástica laboral, atestando o fato de que a ginástica é feita no mesmo lugar de trabalho, assim como a imagem do auditor fiscal e da desossa de uma coxa realizada por um funcionário, evidenciando os 18 movimentos realizados em 15 segundos.

TEMPO	TEXTO VERBAL TRANSCRIÇÕES DAS FALAS	IMAGEM-QUADRO
<b>Ritmo frenético de trabalho</b>		
10:20-10:34	<p>((uma ex-funcionária comenta sobre as ginásticas laborais em um frigorífico da região centro-oeste))</p> <p>Int. 13 – Duas vezes ao dia tinha ginástica, mas acho que era uns dois minutinhos. Lá você não tinha tempo, você fazia ali mesmo, onde você estava trabalhando.</p>	
10:35-10:49	<p>((um ex-funcionário fala do tempo destinado aos exercícios físicos durante a jornada de trabalho))</p> <p>Int. 14 – Daí tinha o instrutor, né? Você fazia os alongamentos. Parava 5 ou 10 minutinhos. Fazia os alongamentos, braços, pernas, costas. Você tinha os alongamentos antes de começar o trabalho, mas tinha dias que você já chegava lá cansado. Nem sempre você chegava do trabalho recuperado do dia anterior.</p>	
10:50-11:02	<p>((uma funcionária aposentada por invalidez comenta sobre o ritmo de trabalho em um frigorífico da região sul))</p> <p>Int. 15 – A gente começou desossando três coxas e meia, mas depois de 11 anos que eu fiquei lá, cada vez eles exigiam mais. Quando mais tu dava conta, mais eles queriam que tu desse conta. Eu já desossava 7 coxas por minuto.</p>	
11:03-11:35	<p>((logo após, um auditor fiscal comenta sobre o ritmo de trabalho nos frigoríficos))</p> <p>Int. 16 – Simplesmente a cronometragem levou a concluir que, se você faz em 15 segundo essa tarefa, você faz isso 4 vezes em 1 minuto. Então, eles já projetaram para 1 hora e para 1 jornada de trabalho. Isso foi introduzido assim de uma forma. Do ponto de vista da produção, não se questionou o custo de manter esse sistema. Por exemplo, uma desossa de perna de frango são 12 corte em 15 segundo, mais 6 outros movimentos. Então são 18 movimentos em 15 segundos.</p>	

<p>11:36-12:04</p>	<p>((em seguida, um procurador do trabalho também comenta esse impacto do ritmo de trabalho))</p> <p>Int. 17 – É extremamente comum encontrar os trabalhadores, no setor de frigorífico, exercendo de 80 a 120 movimentos em um único minuto. Estudos médicos dão conta de que até 35 movimentos por minuto, se está dentro de um padrão de segurança para a saúde do trabalhador. Então nós estamos falando de 3 vezes mais movimentos em um segundo do que este limite considerado seguro.</p>	
--------------------	--	--

**Figura 2** – Descrição dos textos verbais e apresentação das imagem-quadro na segunda parte do documentário “Carne e Osso”

Fonte: Elaborado a partir da análise do documentário

Nesta ênfase que o documentário faz do ritmo de trabalho, as primeiras evidências centram-se na ginástica laboral. O primeiro relato salienta a questão do tempo curto para esse tipo de atividade e o segundo relato (apesar da divergência entre os dois relatos em termos do tempo destinado à essa ginástica) comenta a questão do cansaço gerado pela intensidade do trabalho, onde a ginástica não repercute de forma positiva no exercício da função. Logo em seguida, surge um depoimento de uma ex-funcionária que fala da especialização do trabalho produzida pela pressão para o aumento da produtividade. Essa ex-funcionária comenta que entrou na empresa desossando três coxas por minuto e saiu da empresa, após 11 anos de trabalho, desossando 7 coxas por minuto. O auditor fiscal explica como essa crono-análise foi rapidamente aplicada à produção nos frigoríficos, num controle exagerado sobre os diversos movimentos que devem ser realizados, por exemplo, na desossa de uma coxa de frango. Para concluir essa parte, um procurador do trabalho enfatiza que ocorre, nos frigoríficos, 3 vezes mais movimentos, em um único segundo, do que o limite considerado seguro, estabelecido nas Normas Regulamentadoras.

Então o que permite essa transgressão à regra? Os elementos principais são explicados no próprio contexto do documentário. O auditor fiscal fala da falta de autores para realizarem as diversas fiscalizações, o que impacta no tempo (1 ou 2 anos) em que uma outra fiscalização ocorrerá. Esse mesmo auditor comenta que a própria lei permite uma “brecha” de que pode ocorrer o pagamento de 50% do valor total das multas. Com isso, esse pagamento se torna irrisório perante a necessidade de mudança do processo de produção. No outro lado da situação, um ex-funcionário comenta que, no momento em que os auditores chegam no frigorífico para realizar a fiscalização, existe um tempo longo até a chegada do auditor na área de produção, pois como é uma indústria de alimentos, esses auditores necessitam vestir roupas especiais para terem acesso a essa área. Durante esse tempo, há a possibilidade de colocar mais pessoas em um determinado processo produtivo, aumenta a temperatura em um setor, diminuir o ritmo da esteira, entre tantas outras ações que visam maquiagem a realidade.

Após os 20 minutos do documentário o foco passa a ser os depoimentos de diversos ex-funcionários e autoridades vinculadas à justiça do trabalho. Como ocorre a exposição da imagem destas pessoas durante seus depoimentos, trabalhar com a imagem-quadro se tornou algo periférico no desenvolvimento deste artigo. Mesmo assim, os depoimentos dados pelos ex-funcionários são centrais, pois evidenciam os problemas gerados na produção e gestão dos frigoríficos. Deste ponto em diante a análise do discurso entra em cena, no sentido de compreender esses depoimentos e como eles se inscrevem na lógica da biopolítica e do biopoder. Por esse motivo, alguns depoimentos serão descritos na forma íntegra, como são

relatados durante o documentário. A preocupação em termos de tempo também será menor nesta parte da discussão, mas será mantida a lógica temporal de surgimento do depoimento no desenvolvimento do documentário, ou seja, esses depoimentos surgem no contexto deste artigo seguindo a cronologia (primeiro-último) do documentário.

Assim, um primeiro depoimento é de uma ex-funcionária que sofria de fortes dores nas articulações. Depois foi detectado que esta funcionária, com apenas 21 anos, sofria de artrite (doença causada por inflamações nas articulações). Essa funcionária comenta:

Eu tinha até medo de ser mandada embora. Porque eu sabia que quando a pessoa começava a se afastar por problemas de saúde, principalmente por problema na junta do braço ou na coluna, ela era demitida. Eu estava sozinha e tinha que trabalhar para sustentar os filhos, eu não queria atestado. Muitas vezes eu falava para o médico que eu não tinha ido consultar porque eu queria atestado. Eu queria me tratar para poder aliviar minha dor. Porque não adianta eu me afastar e ficar sentindo dor. Porque ao mesmo tempo em que eu sentia dor, eu sabia que tinha que trabalhar. Muitas vezes levantar 3 horas da manhã sem ter dormindo. Na verdade, deitar sem ter conseguido dormir.

Essa rotina descrita por essa funcionária extrapola o ambiente de trabalho. Os problemas ocasionados pelo trabalho intenso e os movimentos repetitivos impactavam na vida pós jornada de trabalho. Mesmo assim, os esforços era para continuidade da produção, gerados pelo medo do desemprego e pela necessidade de manter o corpo em bom funcionamento. Para que essa rotina de trabalho não fosse impactada, o médico do trabalho que atendia dentro desta empresa, medicava os funcionários com anti-inflamatórios, para que esses problemas adversos não impactassem na produção. Como Foucault (2005) coloca, a disciplina do corpo é uma disciplina para o bom funcionamento do sistema, mesmo que essa disciplina cause a deterioração do corpo e da capacidade de produzir. Esse fato bem claro no depoimento de um ex-funcionário que foi aposentado por problemas graves na coluna. Ele comenta que:

Durante o tempo que você está lá, você serve para eles. Quando você começa a dar problemas de saúde, aí você é um estorvo para a empresa. Eles dão um jeito de tirar você fora do grupo.

Esse comentário mostra a dura realidade do processo de descarte humano que ocorre no contexto do sistema produtivo. O corpo, salienta Foucault (2005), possui sua vida útil e no momento em que o seu rendimento não satisfaz, ele é descartado, como qualquer outra peça do sistema de produção. Para que se furta a esse descarte, os sujeitos disciplinados promovem adaptações, modificações, negações dos problemas, etc., que os permitem aumentar sua utilidade. Mesmo com danos evidentes à saúde e ao corpo físico, dado a necessidade de sobrevivência e de manutenção da família, ocorrem adaptações diversas, como no caso de um ex-funcionário que feriu gravemente o braço no trabalho com uma serra, conforme depoimento à seguir:

Eu tive que aprender a trabalhar de novo, segurar de outro jeito para poder trabalhar, para poder fazer um dia normal. É a profissão que eu aprendi. Quase tive que sair dela por causa desse acidente. Eu não tenho tanto estudo assim, não sou formado em nada. Então, tendo eu que sustentar minha família, eu tive que apelar para aquilo de novo. O cara não tem escolha. Quando você não tem escolha, você tem que permanecer no que você sabe. Não tem jeito. O que o cara aprendeu ali, ele se machuca, está certo, mas é o serviço do cara. Ele fica assustado de trabalhar de novo igual eu fico, mas fazer o quê? Aqui foi feio o negócio, cortou feio. Aí eu perdi o movimento dos quarto e quinto dedos e até hoje eu não tenho mais o movimento 100%. Foram 120 pontos por dentro e por fora.

Neste depoimento duas coisas ficam claras. A primeira permite compreender a discussão que Foucault (2008) realiza sobre a teoria do capital humano. Como esse funcionário não obteve um nível de estudo, acredita ser incapaz de executar outra função, a não ser aquela que foi

aprendida. Essa situação torna evidente que, no âmbito do sistema capitalista, esse grupo de trabalhadores está renegado à sobrevivência, às “migalhas” de um sistema que gera quase que uma situação de benevolência. Essa situação é dada pela possibilidade de sobrevivência um trabalhador ativo “desfruta”, em relação àqueles desempregados.

A segunda coisa, que está relacionada à essa reflexão anterior, evidencia esse biopoder do sistema. Como Foucault (2006) coloca, esse biopoder possui uma prática cínica e é exercido através dos discursos que sustentam o funcionamento do sistema. Essa prática cínica é que deixa evidente no depoimento anterior que, mesmo este funcionário estando com medo e sabendo que a possibilidade de ocorrência de novos acidentes é algo iminente, acredita que é necessário continuar trabalhando exposto ao mesmo risco. Essa é a perversidade do sistema capitalista, pois as contribuições para melhorias desta situação são mínimas, muitas vezes sendo exigidas pelo sistema judiciário. Essa falta de humanismo na gestão e organização dos sistemas de produção impacta também na situação do aposentado por invalidez. O próximo depoimento, que é de uma ex-funcionária aposentada por problemas na coluna, reflete essa situação:

A situação é bem difícil. A pessoa que se criou trabalhando – hoje eu tenho só 48 anos, eu teria muito tempo para trabalhar ainda – se sentir sem força, não é fácil. Olha, eu tive época de não conseguir mexer uma panela (choro compulsivo). Olha, para te dizer, quando eu saí de lá o meu supervisor me ameaçou que se eu colocasse a empresa na justiça, que eu tinha direito, meus filhos seriam demitidos. O meu filho mais velho estava com 6 meses de empresa. Eu até procurei outras empresas para trabalhar. Eu passava em todos os exames, só não passava no raio-X da coluna. Porque quem já trabalhou em frigorífico tem que fazer raio-X da coluna, braço, um monte de raio-X. Então em todos os raio-X eu apresento problema. Muitas vezes eu me queixo de não poder mais trabalhar, o mais velho diz “Oh! A mãe tem que parar de pensar em trabalhar. A mãe já trabalhou o que tinha que trabalhar. A mãe já criou os filhos, já fez tudo por nós. Agora deixa a gente trabalhar”. Mas eu me sinto mal de ficar em casa. Eu não saio nem nos vizinhos, passear, tomar um chimarrão. Eu me sinto envergonhada de não estar trabalhando. Eu me sinto bem mal mesmo de não poder trabalhar.

Para além das discussões sobre centralidade no trabalho, o depoimento anterior deixa evidente a situação de descarte, de não utilidade. É essa situação que segmenta, como bem expôs Agamben (2002), o valor ou desvalor de uma vida. O estar empregado mostra, não necessariamente a centralidade do trabalho, mas um nível de utilidade social. Na situação oposta, essa inutilidade gera problemas de convívio social, de vínculos de amizade e de lazer. Essa biopolítica sucumbe também essa vida fora dos meandros do sistema. Quando Agamben (2002) retoma as considerações dos gregos sobre a diferença entre *zôe* e *bíos*, de alguma forma isso fica evidente neste depoimento anterior. Isso porque Agamben (2002) coloca que *zôe* é o ator de viver e *bíos* é a maneira específica de viver. Na sociedade moderna essa *zôe* foi superada e integrada à *bíos*. Esse simples ator de viver que não estivesse submetido a uma maneira específica de viver deixou de existir nesta sociedade. Por isso motivo, a vida fora do sistema capitalista não se constitui mais em vida, não sendo permitido, inclusive, o lazer e as formas das sociabilidades. Essa situação de descarte e de auto-exclusão social agrava-se quando a mutilação ocorrida no processo de trabalho é um acontecimento, como no caso de um ex-funcionário que teve um braço mutilado. Ele diz:

O dia da semana eu não lembro não, mas o dia do acidente eu lembro. Foi dia 18 de fevereiro de 1997. Por volta de umas 7h30min ou 8h00min da manhã. (...) Eu não saía de dentro de casa. Eu só ficava ali dentro do barracinho ou dentro do quinta. Colocava a cabeça para fora do portão e ficava com vergonha das pessoas me verem daquele jeito. Até as pessoas que iam me visitar, lá no começo, eu pedia para falar que eu não estava. (...)

É um impacto muito grande. Aconteceu esse acidente eu tinha 26 anos ou 27 anos. Toda vida eu fui acostumado a trabalhar na roça, a desenvolver atividade com os dois braços. Até você esquecer aquilo que você passou e desenvolver uma nova vida é muito complicado, principalmente numa situação dessas. Do jeito que eu entrei na câmara fria, tinha muito gelo, e o gelo entrou na bota. Eu liguei a máquina, fui subir a escada para trabalhar na máquina, quando eu cheguei no último degrau eu escorreguei e caí dentro da máquina. Eu ia caindo com os dois braços, mas tinha um ferro de lado, assim, e eu segurei com um braço. Que eu apoiei com esse braço, ele pegou na rosca sem fim e me puxou por esse braço (silêncio). O pessoal da empresa me deu assistência durante os primeiros dias, depois me abandonaram lá. Os planos de saúde que a gente tinha lá, eles cortaram tudo. Para finalizar, eles me deixaram abandonado.

Dado o tempo que transcorreu após o acidente, esse funcionário comenta mais abertamente sobre o acidente e as dificuldades na situação de vida. No caso da empresa, rapidamente contrata-se outro funcionário que irá exercer a mesma função, com a despreocupação do impacto que os problemas de saúde e acidentes de trabalho ocasiona nas vidas dos trabalhadores. Essa situação de abandono evidencia a ideia do “burocrata ordinário” discutido por Arendt (1999), onde as responsabilidades cessam no rompimento do vínculo de trabalho. Por serem situações cotidianas e diabolizada, como bem expõe Sievers (1997), e que fogem às evidências das tragédias, passam despercebidas aos olhos da sociedade em geral. Ainda, existem os agravantes expostos por Agamben (2002), sobre o valor e o desvalor de uma vida, e por Foucault (2000), sobre as distinções existentes entre grupos humanos no âmbito do sistema capitalista, o que coloca esse grupo de trabalhadores dos frigoríficos como seres humanos destituídos de respeito e dignidade.

### **Considerações finais**

O objetivo neste artigo foi o de realizar reflexões sobre o processo de trabalho e os acidentes ocorridos nos frigoríficos e que estão evidenciados no documentário “Carne e Osso”. Foi a partir das discussões sobre vida e morte nas organizações, assim como a politização da vida (biopolítica) descrita por Michel Foucault, que foi construída a teórica deste artigo. O intuito foi ir além, permitindo outras concepções capazes de pensar os problemas relacionados à saúde e à segurança no trabalho, sem restringir essas discussões aos aspectos legais e à organização do trabalho e do ambiente de produção. Esse nível de reflexão sobre a vida e sua politização, permitiu compreender que, apesar do amplo aparato legal existente, ainda as ações de prevenção e de cuidados com a vida restringem-se à utilidade do trabalho e do trabalhador.

No estudo do documentário “Carne e Osso” esse nível de utilidade fica evidente quando os acidentados, por problemas diversos gerados no desenvolvimento da função, tornam-se impossibilitados de exercerem suas atividades. Neste momento, ocorreu um verdadeiro processo de descarte humano, pois não existe mais valor para o sistema. Nessa situação, os problemas relatados são os mais diversos possíveis, que vão desde a auto-exclusão do convívio social, realizada por esses indivíduos acidentados, até a difícil consciência sobre sua inutilidade no contexto econômico. Uma verdadeira mortificação da vida.

Em prol do aumento de produção, das vendas para o mercado exterior, dos controles de qualidade, etc., é permitido o dano à saúde, a mutilação e o descarte. O documentário “Carne e Osso” por si só deixa isso explícito, na forma de denúncia da situação destes trabalhadores. O que ele não deixa explícito é que, no contexto de uma biopolítica, as ações que visam resolver esses problemas ou mesmo diminuir os impactos negativos para esse grupo de trabalhadores, não são ações eficientes e que irão alterar tais práticas. O “fazer viver e deixar

morrer” continuará sustentado e atuando na manutenção destes processos de trabalho, mesmo que ações paliativas sejam empregadas, nunca chegarão a resolver os problemas. Da mesma forma em que essas evidências produzem um pessimismo em relação à mudança, eles permitem tomar consciência, denunciar e revelar o jamais-dito, para que esses aspectos humanísticos sejam, de alguma forma, repensados nos processos de gestão e organização.

## Referências

- ABP. **Anuário Brasileiro de Proteção**. Revista Proteção. 18ª edição. 2013. Disponível em < [http://www.protecao.com.br/conteudo/anuario\\_2013/anuario\\_2013\\_-\\_Indice/Jay5Ac\\_JyjaJa](http://www.protecao.com.br/conteudo/anuario_2013/anuario_2013_-_Indice/Jay5Ac_JyjaJa)>. Acessado em: 29/09/2013.
- AEAT. **Anuário Estatístico de Acidentes do Trabalho**. Brasília: Ministério do Trabalho, 2011. Disponível em < <http://www.previdencia.gov.br/aeat-2011/>>. Acessado em: 28/09/2013.
- AGAMBEN, G. **Homo sacer: o poder soberano e a vida nua**. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2002.
- ARTAUD, A. **O teatro e seu duplo**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- ASSUNÇÃO, A. A. Uma contribuição ao debate sobre as relações saúde e trabalho. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 8, n. 4, p. 1005-1018, 2003.
- CÂNEPA, L. Estudos de cinema e audiovisual. **Socine**, v.1, n.2, pp. 23-41, 2011.
- MARCO, G.; ANDRADE, A. L. O.; ESPÍRITO SANTO, C. S. Documentário: um outro campo experimental no estudo dos processos de subjetivação. **Estudos de Psicologia**, v. 13, n. 3, p. 275-284, 2008.
- DELEUZE, G. **Cinema 1. A imagem-movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- DERRIDA, J. **A escritura e a diferença**. São Paulo: Perspectiva, 1967.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- FOUCAULT, M. A tecnologia política dos indivíduos. In: FOUCAULT, M. **Ética, Sexualidade e Política: Ditos e Escritos V**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2006.
- FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976)**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1993.
- FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica – para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitário, 1995.
- FOUCAULT, M. **O nascimento da biopolítica: Curso no Collège de France (1978-1979)**. Trad. Eduardo Brandão e Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 30ª ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- GAUTHIER, G. **O documentário: um outro cinema**. Tradução Eloisa Araújo Ribeiro. Campinas: Papirus, 2011
- PAIVA JÚNIOR, F. G. P.; ALMEIDA, S. L.; GUERRA, J. R. F. O Empreendedor Humanizado como uma Alternativa ao Empresário Bem-Sucedido: Um Novo Conceito em Empreendedorismo, Inspirado no Filme Beleza Americana. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 9, n. 8, p. 112-134, 2008.
- LEITE, N. R. P.; LEITE, F. P. Um estudo observacional do filme Denise Está Chamando à luz da Teoria de Ação de Chris Argyris e Donald Schön. **Revista de Gestão**, v. 14, n. spe, p. 77-91, 2007.
- METZ, C. **A significação no cinema**. São Paulo: Perspectiva, 1968.
- METZ, C. **Linguagem e cinema**. São Paulo, Perspectiva, 1971.

- REPORTER BRASIL. **Um retrato do trabalho nos frigoríficos brasileiros**. 2011. Disponível em < <http://reporterbrasil.org.br/carneosso/o-filme/>>. Acessado em: 25/07/2013.
- SIEVERS, B. Reflexões sobre a relação entre o trabalho a morte ea própria vida. **Revista de Administração de Empresas**, v. 37, n. 3, p. 6-9, 1997.
- TURNER, G. O cinema como prática social. São Paulo: Summus Editorial, 1997.
- ZAMORA, M. H. Os corpos da vida nua: sobreviventes ou resistentes? **Latin American Journal of Fundamental Psychopathology Online**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 104-117, 2008.